

Na noite seguinte, Dīnārzād disse à irmã: “Se você não estiver dormindo, maninha, conte-nos uma de suas belas historinhas para que atravessemos o serão desta noite”. O rei Šāhriyār disse: “Que seja a história do perfumista Abū Alḥasan ʿAlī Bin Ṭāhīr e de Nūruddīn ʿAlī Bin Bakkār, e do que sucedeu a este último com Šamsunnahār, concubina do califa”.<sup>1</sup> Šahrāzād disse: “Com muito gosto e honra”.

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que vivia na cidade de Bagdá um perfumista chamado Abū Alḥasan ʿAlī Bin Ṭāhīr. Possuía muito dinheiro, e próspera era a sua situação, excelente a sua conduta, veraz a sua palavra, agradável a sua convivência e bem-vinda a sua figura onde quer que aparecesse. Quando entrava no palácio califal, a maior parte das servas e concubinas do califa Hārūn Arrašīd descia para falar com ele, que lhes supria as necessidades de modo a deixá-las todas satisfeitas. Seu estabelecimento era freqüentado por filhos de nobres e notáveis. Junto com ele estava sempre um jovem descendente de reis persas chamado Nūruddīn ʿAlī Bin Bakkār, em quem Deus reunira todas as partes louváveis da beleza superior, da formosura suave, da língua eloqüente, da pronúncia graciosa, da inteligência, do desprendimento, da generosidade, da bondade, da doação, do pudor, do brio e da hombridade. Ele convivia tão amiúde com Abū Alḥasan que praticamente não se separava dele nem por um piscar de olhos. Certo dia, estando o rapaz ali instalado na loja, eis que surgiram, provenientes do mercado, dez servas de seios virgens, como se fossem luas, e entre elas, montada em uma mula cinzenta, uma serva que causaria vergonha ao mais perfeito plenilúnio, sobre a qual havia adornos de seda vermelha cravejada de pérolas e gemas, e cuja beleza era bem superior à das servas que estavam diante dela, tal como disse alguém a seu respeito, na seguinte poesia:

“Ela foi criada tal como se deseja, até a perfeição,  
no molde da formosura, sem tirar nem pôr;  
parece que ela foi feita de pérola líquida:  
em cada parte de seu corpo existe uma lua.  
Sua aparição é plenilúnio, seu talhe, ramo,  
seu aroma, almíscar; ninguém há como ela”.

1 A presente história – cuja linguagem é a mais difícil de todo o livro – foi suprimida nos manuscritos do ramo egípcio antigo das *Mil e uma noites*. A exceção é o manuscrito “Arabe 3612”, no qual ela se encontra deslocada para mais adiante, ocupando da 229ª à 250ª noite. Tal deslocamento, que também ocorreu nas edições impressas, revela que, no ramo egípcio, ela somente foi reincorporada às *Mil e uma noites* quando das tentativas mais tardias de completar o livro. O nome *Šamsunnahār* significa “sol do dia”, e seu *status* – apesar de “concubina” indicar condição inferior à de “esposa” – é o de uma espécie de “preferida” ou “favorita” do califa, o que lhe proporcionava vários privilégios. Salvo algumas poucas exceções (como no início da 172ª noite), o personagem Nūruddīn ʿAlī Bin Bakkār é chamado, na maioria das passagens desta história, de ʿAlī Bin Bakkār, sem o Nūruddīn, forma que prevaleceu afinal no ramo egípcio. Para evitar confusões, porém, a tradução acrescentou sempre o primeiro nome do personagem, o qual, sobretudo a partir das traduções francesas, passou a ser chamado de Ali Ben Becar. O nome *Bakkār* possivelmente significa “madrugador”.

*Disse o narrador:* ela cativara as inteligências com a beleza de seus olhos e a perfeição de suas maneiras. Quando chegou à sua loja e apeou-se, Abū Alḥasan ‘Alī Bin Ṭāhir se colocou de pé diante dela, beijou o chão e lhe estendeu um assento de brocado enfeitado com ouro, propondo-se então a servi-la. Mas ela lhe pediu encarecidamente que se sentasse, e ele se sentou diante dela, que começou a falar das coisas que queria. Enquanto isso, a razão do jovem Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār já fora seqüestrada, e sua cor se alterara do vermelho ao amarelo; a um passo de perder os sentidos, fez menção de levantar-se em reverência a ela, que o fitou com olhos de narciso e lábios inebriantes e lhe disse: “Meu senhor, viemos em busca de sua hospitalidade, mas você quer fugir de nós, pois não lhe agradamos!”. O jovem então beijou o chão e disse: “Senhora, a minha razão foi seqüestrada no momento em que a vi. Não digo mais do que disse certo poeta em sua poesia:

‘Ela é o sol e tem o céu por morada;  
consola teu coração do melhor modo,  
pois não poderás até ela ascender,  
e nem ela até ti poderá descer”.

Ela sorriu – seus dentes brilhavam mais intensamente que um relâmpago – e perguntou: “Ó Abū Alḥasan, de onde você conhece este rapaz? Qual é a sua posição?”. Abū Alḥasan respondeu: “Seu nome é Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār, e ele descende de reis”. Ela perguntou: “Dos persas?”. Ele respondeu: “Sim, minha senhora”. Ela disse: “Quando esta minha serva vier até você, vá até nós acompanhado desse rapaz, para que os recepcionemos em nossa morada, a fim de que ele não nos censure nem diga que não existe generosidade no povo de Bagdá, pois a avareza é a pior característica no homem. Ouviu o que lhe disse? Se acaso não me acatar, você estará carreando para si a minha cólera, e nunca mais o cumprimentarei”. O perfumista respondeu: “Longe e livre esteja eu de desacatá-la, ó proprietária de todos os escravos! Refugio-me em Deus contra a sua cólera!”. Ela se levantou imediatamente, montou e se retirou após ter se apossado dos corações e seqüestrado as razões. Quanto ao jovem Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār, ele já não sabia se estava no chão ou no céu. O dia ainda nem se findara quando a serva da jovem apareceu e disse: “Meu senhor Abū Alḥasan, vamos então?”.

E a aurora alcançou Šahrāzād, que parou de falar. Dīnārzād disse à irmã: “Como é agradável e insólita a sua história, maninha”, e ela respondeu: “Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, se acaso eu viver”.

2 Como o narrador muda sem que isso seja diretamente explicitado no texto, considerou-se adequado, tal como

Na noite seguinte ela disse:

Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que a serva chegou e disse: “Meu senhor Abū Alḥasan, vamos então? Você e meu senhor Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār? Atendam à minha patroa Šamsunnahār, favorita do comandante dos crentes Hārūn Arrašīd”. O perfumista se levantou e disse para Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār: “Vamos então, meu senhor?”. Ele também se levantou e ambos saíram disfarçados seguindo a serva de longe, até que ela os conduziu ao interior do palácio do califa, avançando com eles até a residência de Šamsunnahār. O rapaz contemplou então um lugar que parecia ser um dos aposentos do paraíso, no qual haviam sido colocados colchões, bancos e almofadas que ele jamais vira antes; sentou-se, bem como o perfumista Abū Alḥasan. Assim que o fizeram e se acomodaram a contento, foi-lhes servido um banquete com boa comida. Uma serva negra parou diante deles, que viram cordeiros ainda não desmamados, galinhas gordas, confeitos açucarados, potes de pickles, além de espécies que flanavam e voavam de seus ninhos, tais como perdizes, codornas e filhotes de pomba. O rapaz começou a comer, maravilhado.

Mais tarde, Abū Alḥasan contaria:<sup>2</sup>

Comemos comida saborosa e bebemos bebida deliciosa. Quando terminamos de fazer as duas coisas, foram-nos trazidas duas bacias douradas, e lavamos as mãos; ofereceram-nos incenso, e nos incensamos; apresentaram-nos taças de ouro e cristal trabalhado em cujo interior havia estatuetas de cânfora e âmbar, cravejadas de várias classes de pedras preciosas, contendo almíscar e água-de-rosas; perfumamo-nos e retornamos aos colchões. Então a serva negra ordenou que nos puséssemos de pé; obedecemos e ela nos conduziu a outro aposento; abriu-o e entramos num pavilhão todo forrado de seda, que se sustinha sobre cem colunas, as quais formavam, na base, o desenho de um animal ou pássaro coberto de ouro. Assim que nos sentamos, começamos a examinar o pavilhão, cujo assoalho era tecido de ouro, com gravuras de aspecto de rosas brancas e vermelhas;

# I 72<sup>a</sup>

noite das histórias  
das mil e uma noites

procedeu Muhsin Mahdi em sua edição crítica, indicar quem fala: além de Šahrāzād, a história também é contada pelo perfumista Abū Alḥasan e, mais adiante, pelo joalheiro e pela serva. Ainda assim, em mais de um momento a tradução foi obrigada a efetuar pequenas alterações ou acrescentar frases explicativas para tornar o texto inteligível, como “mais tarde, Abū Alḥasan contaria” etc.

3 “Teca”, *sāj*, de acordo com o *Dicionário Houaiss*, é “árvore (*tectona grandis*) da família das labiadas, nativa da Índia, de folhas opostas e flores brancas em panículas terminais, cuja madeira amarela é usada em carpintaria, marcenaria e construção naval”.

4 O discurso de Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār é praticamente incompreensível. De acordo com Muhsin Mahdi, nesse trecho a sua fala imita o árabe dos persas. Por “encarregado” traduziu-se *wakīl*, e por “quem lhe deu poderes” se traduziu *muwakkīl*. Para alguns, essas duas palavras fariam referência, respectivamente, ao jovem Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār e a Šamsunnahār; para outros, a Šamsunnahār e ao califa Hārūn Arrašīd, o que é improvável, uma vez que, mais adiante, o jovem demonstra desconhecer com quem está tratando.

o teto era da mesma forma: continha mais de cem pontos elevados e bandejas de ouro e cristal, cravejadas de várias espécies de pedras preciosas. No ponto mais elevado do pavilhão havia muitas portinholas, em frente de cada uma das quais se via um colchão gracioso tecido de diversas cores. As portinholas estavam abertas e davam para um jardim cujo solo parecia ser igual ao do pavilhão. Em suas laterais, a água escorria de uma grande piscina para outra pequena, e à beira delas havia manjeriço, nenúfar e narciso em vasos de ouro incrustado. As árvores desse jardim já haviam se entrelaçado e suas frutas, amadurecido; toda vez que os soldados do vento passavam por ali, as frutas despencavam sobre as lâminas d’água e os pássaros se abatiam sobre elas, batendo as asas e conversando por meio de toda a variedade de melodias. À direita e à esquerda da piscina havia poltronas de teca<sup>3</sup> cobertas de prata, e, em cada poltrona, uma jovem mais ofuscante que o sol, vestida com roupas opulentas e trazendo ao peito um alaúde ou algum outro instrumento de diversão. Seus ritmos se misturavam com o gorjeio dos pássaros; o assoprar do vento acompanhava o escorrer da água. A brisa passava por uma rosa e a fazia subir, tocava uma fruta e a fazia cair. Nossos pensamentos e olhares ficaram perplexos. Começamos a ponderar sobre aquele poder e a refletir sobre aquele bem-estar todo. Ficamos observando o jardim durante algum tempo, voltando-nos às vezes para o pátio e para a piscina, contemplando aquele esplendor, a formosura daqueles trajés e seus altos desígnios, espantados com a grandiosidade do que presenciávamos e com o espetáculo ao qual assistíamos.

Nūruddīn ‘Alī Bin Bakkār voltou-se para Abū Alḥasan e lhe disse: “Fique sabendo, meu amo, que até mesmo o sábio inteligente, arguto e decoroso, de coração vazio, sentidos e miolos vigilantes, se apaixonaria por isso, admiraria, consideraria belo, ficaria emocionado, espantado e encantado, em especial quem tenha ficado na minha situação, com o coração em estado semelhante ao meu. O que vi não evitará que eu pergunte nem impedirá que eu me informe. Não fui envolvido nesta provação que o destino conduziu a mim e a desgraça depositou na minha frente senão por algo bom que deverei obter. Se, como você diz, é esta a situação do encarregado, a de quem lhe deu poderes é bem diferente. Quem poderá lhe dirigir a palavra e estar seguro diante dele se o seu poderio é tão grandioso e o seu reino é tão imenso?”<sup>4</sup>

E a aurora alcançou Šahrāzād, que parou de falar. Dīnārzād lhe disse: “Maninha, como é agradável e insólita a sua história”, e ela respondeu: “Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite: será mais espantoso e insólito, se acaso eu viver e o rei me preservar”.